

**DISCUSSÕES DECOLONIAIS LATINO-AMERICANAS E AMEAFRICANAS:
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO**

Camila Silva Alves Aquino¹; Maria Rita Augusto de Abrantes¹; Joaklebio Alves da Silva²; Miguel Melo Ifadireó²

¹Discentes de Graduação do Curso Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores, *Campus* Cajazeiras-PB. E-mail: silva.aquino@estudante.ufcg.edu.br;

maria.augusto@estudante.ufcg.edu.br

²Docentes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores, *Campus* Cajazeiras-PB. E-mail: joaklebio.alves@professor.ufcg.edu.br; miguel.angelo@professor.ufcg.edu.br

Resumo

Este trabalho consiste no relato de experiência do Projeto/Curso de Extensão “Discussões Decoloniais e Bases Teóricas Latino-AmeAfricanas às Pesquisas Científicas na Graduação”, vinculado à Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande e ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro, Indígena e de Gênero da referida unidade/centro/universidade. Com isso, objetivamos apresentar um levantamento quantitativo do perfil dos inscritos e analisar a participação ao longo do projeto, a partir da experiência vivenciada na monitoria desenvolvida pelas autoras, sob orientação dos autores. Os dados foram coletados por meio do formulário de inscrição (Google Forms) e das listas de frequência registradas em cada encontro, constituindo a base para a análise aqui apresentada. Contamos a participação de uma diversidade de cursistas vinculados a diferentes cursos de graduação, bem como pertencentes a grupos étnico-raciais distintos e a diferentes religiões, sendo em sua maioria mulheres. Dessa forma, o projeto/corso organizou-se como uma experiência de extensão com relevância tanto em termos acadêmicos quanto sociais, tendo contribuído para a difusão de propostas de saberes decoloniais e para o estabelecimento e fortalecimento de práticas educativas e sociais mais inclusivas, plurais e transformadoras. Almejamos que experiências semelhantes possam ser mais amplas e profundas em edições futuras, fomentando e fortalecendo o compromisso da universidade pública com uma extensão que promove a formação crítica, com a valorização da diversidade epistemológica e com a construção de uma educação socialmente referenciada e de uma sociedade referencialmente educada.

Palavras-chaves: Decolonialidade; Formação Docente; Educação para as Relações Étnico-Raciais.

Introdução

O presente trabalho consiste em um relato de experiência referente à atuação enquanto monitoras no projeto de extensão, do tipo curso, intitulado “**Discussões Decoloniais e Bases Teóricas Latino-AmeAfricanas às Pesquisas Científicas na Graduação**”, promovido pela Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (UAE-CFP-UFCG), *Campus* Cajazeiras, no período de abril a dezembro de 2025. Vale ressaltar que o curso foi proposto e coordenado pelos professores-orientadores, coautores deste trabalho, e vinculado ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro, Indígena e de Gênero (NEABIG) da referida unidade/centro/universidade.

O projeto foi ofertado na modalidade *online*, com carga horária de 60 horas, distribuídas em nove encontros mensais realizados aos segundos sábados, por meio da plataforma Google Meet. A proposta teve como objetivo ampliar as discussões interculturais no ensino superior, promovendo reflexões sobre epistemologias decoloniais, afro-indígenas e latino-americanas, incentivando a produção de conhecimento crítico, plural e antirracista, e fortalecendo a articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

O presente relato tem como objetivo apresentar um levantamento quantitativo do perfil dos inscritos e analisar a participação ao longo do projeto, a partir da experiência vivenciada na monitoria. Os dados foram coletados por meio do formulário de inscrição (Google Forms) e das listas de frequência registradas em cada encontro, constituindo a base para a análise aqui apresentada.

A proposta extensionista apresentada dialoga com a perspectiva de valorização das epistemologias latino-ameafricanas, compreendendo a produção do conhecimento a partir das experiências históricas e culturais da América Latina e da diáspora africana. Nesse sentido, o conceito de Amefricanidade, formulado por Lélia Gonzalez (1988), contribui para compreender a centralidade das matrizes afro-latino-americanas na constituição social, cultural e política do continente. Tal perspectiva reforça a importância de iniciativas acadêmicas que promovam práticas antirracistas e reconheçam a pluralidade de saberes historicamente invisibilizados no espaço universitário.

Dessa forma, a partir do levantamento dos dados, o trabalho pretende oferecer uma visão detalhada do público participante, do engajamento nas atividades e das contribuições do projeto para a difusão de saberes decoloniais, destacando especialmente a diversidade de instituições, cursos e origens geográficas dos inscritos, bem como a permanência dos estudantes que se identificaram com as discussões propostas.

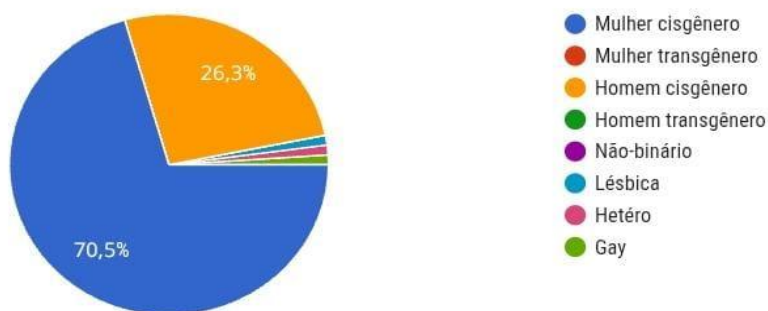
Perfil de inscritos: lugares, encruzilhadas e fronteiras

O projeto contou com um total de 95 inscritos, provenientes de diferentes instituições e regiões do país, evidenciando o alcance da proposta extensionista prevista no projeto. Observou-se (Gráfico 1) uma predominância significativa de mulheres cisgênero, que corresponderam a aproximadamente 88% dos inscritos, enquanto homens cisgênero representaram cerca de 12%. Esse dado revela a forte presença feminina nas discussões relacionadas às temáticas decoloniais e educacionais.

Gráfico 1: Perfil de gênero da amostra

Gênero

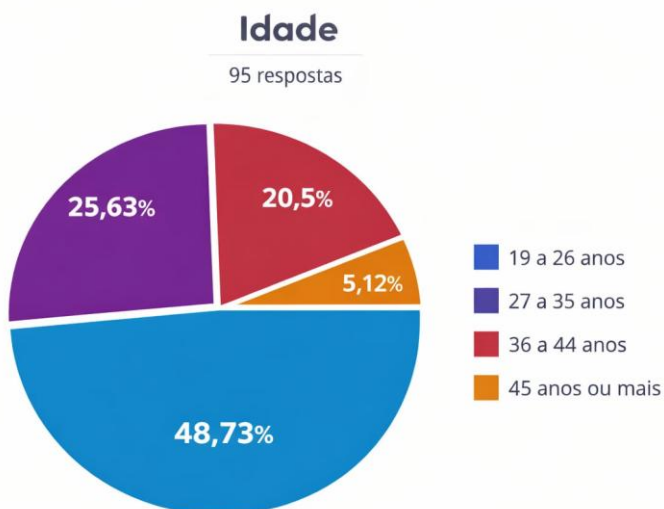
95 respostas



Fonte: Arquivo do projeto de extensão (2025)

Quanto à faixa etária (Gráfico 2), a maioria situou-se entre 19 e 26 anos, com idade mínima de 19 e máxima de 55 anos, indicando um público majoritariamente jovem e em processo inicial de formação acadêmica.

Figura 2: Perfil etário da amostra



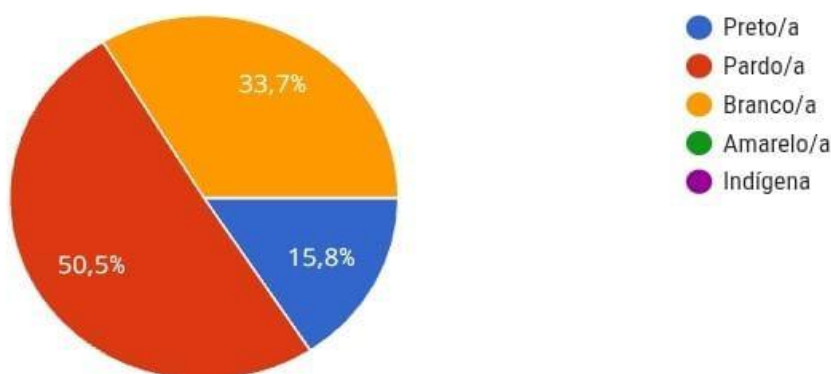
Fonte: Arquivo do projeto de extensão (2025)

Em relação à autodeclaração racial (Gráfico 3), aproximadamente 55% declararam-se brancos/as, 40% pardos/as e 5% pretos/as, demonstrando diversidade racial entre os inscritos, ainda que com predominância de participantes brancos/as.

Gráfico 3: Perfil racial da amostra

De acordo com o IBGE, como se autodeclara?

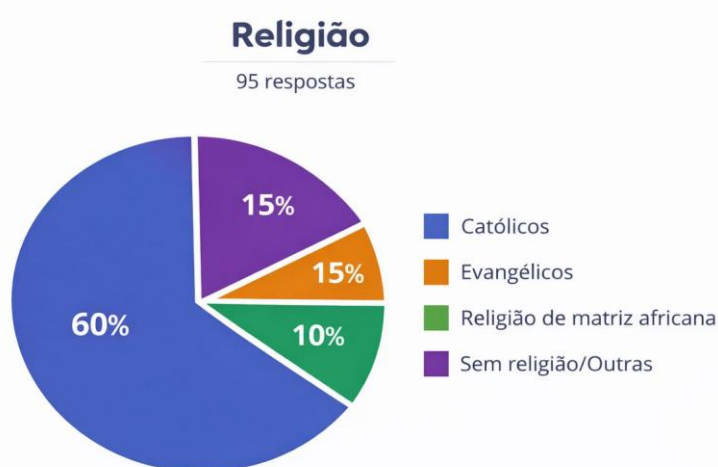
95 respostas



Fonte: Arquivo do projeto de extensão (2025)

No tocante à religiosidade (Gráfico 4), cerca de 60% declararam-se católicos/as, 15% evangélicos/as, 10% vinculados/as a religiões de matriz africana (como Umbanda e Candomblé) e 15% afirmaram não possuir religião ou seguir outras crenças. Tal pluralidade dialoga diretamente com as temáticas abordadas no projeto, especialmente aquelas relacionadas à laicidade, às religiões afro-brasileiras e às epistemologias afroreferenciadas.

Gráfico 4: Perfil religioso da amostra



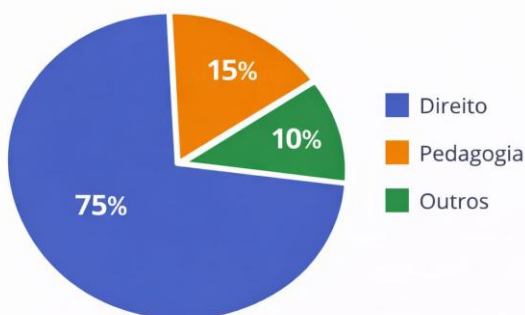
Fonte: Arquivo do projeto de extensão (2025).

Quanto aos cursos de graduação em que os cursistas se vinculavam (Gráfico 5), observou-se predominância expressiva de estudantes do Curso de Direito, representando cerca de 75% dos inscritos. O curso de Pedagogia correspondeu a aproximadamente 15%, enquanto Ciências Sociais, Letras, História, Geografia e outras áreas somaram cerca de 10%. Esse dado evidenciam que, embora o projeto dialogue fortemente com a Educação, houve maior adesão inicial de estudantes do campo jurídico.

Gráfico 5: Perfil de área de formação da amostra

Curso de graduação vinculado

95 respostas



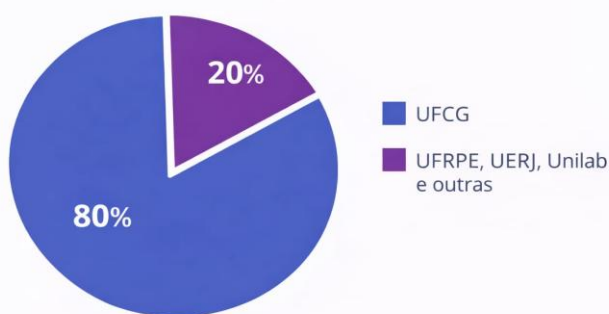
Fonte: Arquivo do projeto de extensão (2025)

Em relação às instituições de ensino superior (Gráfico 6), aproximadamente 80% dos inscritos eram vinculados à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), distribuídos entre os campi de Sousa, Cajazeiras e outras unidades da Paraíba. Os demais 20% eram provenientes de instituições como a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), entre outras. Esses dados demonstram que, embora concentrado na UFCG, o projeto/course alcançou participantes de diferentes regiões do país, ampliando suas fronteiras institucionais e geográficas.

Gráfico 6: Perfil institucional da amostra

Instituição de ensino de origem

95 respostas



Fonte: Arquivo do projeto de extensão (2025)

REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

A diversidade institucional, racial, religiosa e formativa observada entre os participantes pode ser analisada à luz da interculturalidade crítica, compreendida não apenas como reconhecimento da diversidade, mas como enfrentamento das hierarquias que estruturam os saberes e as relações sociais. Conforme destaca Catherine Walsh (2009), a interculturalidade crítica implica a construção de espaços formativos que tensionem estruturas de poder e promovam diálogos plurais. Assim, os dados quantitativos apresentados revelam mais do que números: evidenciam a constituição de um espaço de formação atravessado por múltiplas experiências, fronteiras e pertencimentos, contribuindo para o alcance dos objetivos estabelecidos pela extensão universitária no Brasil.

Participação nas discussões: breve amostragem e porcentagens das participações nos encontros a partir dos temas discutidos

O primeiro encontro teve como proposta de discussão: *Filosofia no Pensamento Social Latino-americano*. Ocorreu no dia 12/04/2025 (12 de abril de 2025), contando com a presença de 38 participantes, sendo estes, 30 mulheres (78,94%) e 8 homens (21,05%). Correspondendo a um total de 40% dos inscritos.

O segundo encontro teve como temas de discussão: *Laicidade e Liberdade Religiosa e Ressocialização no Cárcere: Apontamentos Sobre a Intolerância às Religiões Afro-brasileiras e Indígenas no Sistema Prisional*; e *Afropensamento e Ensino do Direito: Ressignificando as Bases Jurídicas Através do Pensamento Afro-religioso*. Ocorreu no dia 10/05/2025 (10 de maio de 2025) e registrou a presença de 51 participantes, sendo 38 mulheres (74,5%) e 13 homens (25,49%), representando 53,68% dos inscritos.

Em julho, tivemos o terceiro encontro cujo o tema de discussão foi *O pensamento indígena e a Formação Profissional nas Ciências Humanas Brasileiras*. Ocorreu no dia 12/07/2025 (12 de julho de 2025), contou com 29 participantes, sendo 24 mulheres (82,75%) e 5 homens (17,24%), resultando em 30,52% dos inscritos.

O quarto encontro abordou como tema de discussão: *Epistemologias do Saber nas Ciências Humanas: Um Enfoque Decolonial*. Ocorreu no dia 09/08/2025 (09 de agosto de 2025) e contou com a participação de 59 participantes, sendo 46 mulheres (77,96%) e 13 homens (22,03%), o que equivale a 62,1% dos inscritos.

Por sua vez, o quinto encontro contou com o estudo do tema *África na Escola, Didática e o Currículo Afro-indígena Referenciado desde a Formação de Professores/as*.

Contou com 32 participantes, sendo 26 mulheres (81,25%) e 6 homens (18,25%), equivalentes a 33,68% dos inscritos.

Em setembro, estudamos sobre as *Relações Étnico-raciais na Educação em Ciências da Natureza*, configurando o sexto encontro do projeto/curso de extensão. O referido encontro ocorreu no dia 13/09/2025 (13 de setembro de 2025) e contou com 24 participantes, sendo 19 mulheres (79,16%) e 5 homens (20,83%), que representam 25,26% dos inscritos.

No mais, o sétimo encontro teve como tema *Feminismo Negro, Saúde Mental e Formação de Professores Antirracistas*. Ocorreu no dia 25/10/25 (25 de outubro de 2025) e contou com 22 participantes, sendo 16 mulheres (72,72%) e 6 homens (27,27%), equivalentes a 23,15% do total de inscritos.

O oitavo encontro abordou o tema de *Exu nas Escolas*. Ocorreu no dia 29/11/2025 (29 de novembro de 2025) e contou com 24 participantes, sendo 17 mulheres (70,83%) e 7 homens (29,16%), totalizando 25,26% dos inscritos.

Por fim, o nono e último encontro trouxe como proposta de discussão os seguintes temas: *Vozes de Mulheres nas Tessituras de Filosofias Afrorreferenciadas: Perspectivas Ancestrais de Curas e Encantos*; e *Como o Oxunismo Pode Emergir Como Uma Proposta Filosófica Ética, Estética e Política de uma Educação Antirracista?* Ocorreu no dia 20/12/2025 (20 de dezembro de 2025). Contou com 23 participantes, sendo 18 mulheres (78,23%) e 5 homens (21,73%), equivalentes a 24,21% do total de inscritos.

O levantamento desses dados se deu através da lista de frequência, extraída do formulário (Google Forms) disponibilizado a cada encontro. Pode-se observar os seguintes pontos: apenas no 2º e no 4º encontro compareceram mais de 50% do total de inscritos, nos demais encontros, a porcentagem permaneceu igual ou inferior à 40%, alcançando o menor número de participantes no 7º encontro, com apenas 23,15%, sinalizando a gradual desistência de participantes no decorrer do projeto.

Em todos os encontros, a maioria dos participantes eram mulheres, refletindo o número de inscrições que, como já dito, foi predominantemente feminino;

Por fim, importa destacar que a participação registrada em cada encontro inclui tanto os inscritos no projeto de extensão quanto convidados e visitantes eventuais. Como não foi possível distinguir com precisão esses grupos em todos os encontros, as porcentagens foram calculadas com base na relação entre o total de participantes presentes e o número total de inscritos inicialmente (95), utilizado como referência comparativa.

Decolonialidade: um caminho de educar além e para todos

Mesmo com a redução no número de participantes ao longo dos encontros, os dados quantitativos revelam um aspecto importante: aqueles que permaneceram demonstraram envolvimento constante e participação ativa nas discussões. Ainda que apenas o segundo e o quarto encontros tenham ultrapassado 50% de presença em relação ao total de inscritos, formou-se, nos demais momentos, um grupo menor, porém mais comprometido, que contribuiu significativamente para a qualidade dos debates e para a construção coletiva do conhecimento.

O perfil inicial dos 95 inscritos, majoritariamente mulheres jovens, provenientes de diferentes cursos, religiões e instituições, já indicava o potencial plural do projeto. A predominância de estudantes do Curso de Direito, correspondente a 75% das inscrições, chama atenção, sobretudo por se tratar de uma proposta vinculada ao Centro de Formação de Professores da UFCG. Esse dado evidencia que as discussões decoloniais ultrapassam os limites tradicionais das licenciaturas e alcançam também a formação jurídica, provocando reflexões sobre justiça, laicidade e direitos a partir de perspectivas críticas e antirracistas. Ao mesmo tempo, a presença de estudantes de Pedagogia e de outras áreas das Ciências Humanas reforça o caráter interdisciplinar da proposta.

A extensão universitária, nesse contexto, consolidou-se como espaço de encontro entre diferentes campos do saber e distintas realidades acadêmicas. Ao reunir participantes de variados campi e de outras instituições, o projeto ampliou fronteiras institucionais e geográficas, fortalecendo o diálogo intercultural. A diversidade religiosa e racial entre os inscritos contribuiu para que as discussões fossem atravessadas por experiências concretas e posicionamentos situados, tornando o espaço formativo mais sensível às múltiplas formas de existir e produzir conhecimento.

A vivência na monitoria da primeira e segunda autora possibilitou acompanhar o amadurecimento do grupo de cursistas que permaneceu até os últimos encontros. As intervenções tornaram-se mais aprofundadas, as reflexões mais articuladas e as trocas mais comprometidas com a valorização de epistemologias historicamente marginalizadas. A diminuição numérica não representou esvaziamento, mas uma reorganização do coletivo, que se fortaleceu na escuta, no diálogo e na construção crítica compartilhada.

Desse modo, a decolonialidade apresentou-se não apenas como temática estudada, mas como prática formativa efetivada ao longo do percurso extensionista. Educar além significou ampliar horizontes disciplinares e epistemológicos. Educar para todos implicou reconhecer

saberes plurais e reafirmar o compromisso social da universidade com uma formação mais inclusiva, crítica e transformadora.

Ao promover reflexões que tensionam perspectivas hegemônicas, a experiência do projeto, aproximou-se do que Mignolo (2008) denomina como desobediência epistêmica, definindo tal ato, o gesto de desvincular-se da autoridade única do pensamento moderno eurocentrado e reconhecer a legitimidade de outras formas de produzir conhecimento, trazendo o enfoque para um conhecimento AmerIndiAfricano, visto como marginal durante todo o período que conhecemos por modernidade, buscando um novo cerne para o conhecimento que passa de ser eurocentrado, higiênico e cartesiano, para se tornar um conhecimento plural, amplo e comprometido a dar voz aos saberes que sempre foram silenciados.

Considerações Finais

Apesar da proposta e realização do projeto partir do CFP/UFCG, em parceria com o NEABIG, não houve uma crença limitante de que o público-alvo seria exclusivamente educadores, sejam eles em processo de graduação ou já possuindo terceiro ou quarto grau de formação; ademais o ponto central do projeto é alcançar uma melhoria social coletiva, tendo como intuito promover discussões que possam vir a pensar a decolonialidade em diversos aspectos da vida em sociedade, partindo, do viés formador, que move o mundo: A Educação. O foco era contribuir com as pesquisas na graduação, mas também na pós-graduação, de modo que os cursistas subsidiassem suas investigações a partir das discussões promovidas no projeto/curso.

A experiência do projeto/curso proporcionou a coleta de dados substanciais no que tange o interesse de acadêmicos de fora da área da educação, na temática abordada, e pela formação de um grupo de inscritos, tanto no que se refere a raça, gênero, e crença religiosa quanto a área de formação, permitindo amplas discussões e diferentes pontos de vista acerca dos temas abordados ao longo do projeto.

Após a compilação de dados de amostragem, análise das próprias vivências e interações que ocorreram no decorrer do projeto e do *feedback* (pequenos comentários deixados pelos participantes nas listas de frequência, dados que serão objeto de outro



trabalho/relato de experiência), percebemos um saldo positivo e significativo, oriundo da iniciativa.

Podemos então, considerar que foram extraídos resultados efetivos do projeto, tanto no que se refere ao alcance formativo quanto à promoção de espaços de reflexão crítica e diálogo intercultural no âmbito acadêmico e social.

Dessa forma, o projeto/curso organizou-se como uma experiência de extensão com relevância tanto em termos acadêmicos quanto sociais, tendo contribuído para a difusão de propostas de saberes decoloniais e para o estabelecimento e fortalecimento de práticas educativas e sociais mais inclusivas, plurais e transformadoras. Almejamos que experiências semelhantes possam ser mais amplas e profundas em edições futuras, fomentando e fortalecendo o compromisso da universidade pública com uma extensão que promove a formação crítica, com a valorização da diversidade epistemológica e com a construção de uma educação socialmente referenciada e de uma sociedade referencialmente educada.

Referências:

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, n. 92/93, 1988.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, Universidade Federal Fluminense, Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Associação Nacional de Instituições de Ensino Superior